

CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DA ASSISTÊNCIA RELIGIOSA ÀS FORÇAS REVOLUCIONÁRIAS E SEUS REFLEXOS.

*João José Planella **

O exame dos Temários do Simpósio e do Pré-Simpósio permite logo a observação do cuidado com que o mesmo foi elaborado, buscando abranger uma visão ampla, de modo a situar o Processo Revolucionário de 1930, dentro de uma perspectiva brasileira, americana e universal, sem esquecer também o relacionamento com as idéias da Semana de Arte Moderna.

Apesar desse cuidado, parece-me haver uma pequena lacuna: o da correlação entre a Revolução de 1930 e a fase de expansão da Igreja Católica no Brasil.

Religião Oficial durante o período imperial, mas cerceada pela conservação do padroado, teve, durante o período republicano, apesar da separação oficial e das restrições estabelecidas na própria Constituição de 1891, um desenvolvimento bem superior ao que tivera sob o regime de união.

O estabelecimento no Brasil de numerosas congregações religiosas dedicadas ao ensino, que as leis laicizadoras do ensino francês forçaram a abandonar a França, deram início no Brasil a um desenvolvimento muito acentuado do ensino religioso, sobretudo diante das condições do ensino oficial. Mesmo assim, o reconhecimento oficial desses estabelecimentos era difícil e demorado, para não dizer que, variando com diversas circunstâncias, por vezes bastante restritivo.

A Constituição retirava o direito de voto aos membros das ordens e congregações religiosas, pela arguição de sua incompatibilidade com o voto de obediência.

Proximamente a 1930, registram-se modificações, que tiveram seu ritmo dinamizado após a Revolução. Entre estas cumpre citar, pela projeção adquirida posteriormente, a fundação do Centro D. Vital no Rio de Janeiro e a fundação do Círculo Operário, em 1928, na cidade de Pelotas, pelo Pe. Lepoldo Brentano, da Companhia de Jesus, mais tarde chamado para Porto Alegre e depois para o Rio de Janeiro, dando projeção nacional ao movimento, que chegou a influenciar a legislação trabalhista do período pós-revolucionário.

A posterior fundação e atuação da Liga Eleitoral Católica resultou que a Constituição de 1934 consagrasse quase a totalidade das reivindicações da liga, desaparecendo a maior parte das disposições restritivas da Constituição de 1891.

Todos estes aspectos exigiriam um estudo bem diversificado, que, dada a complexidade dos correlacionamentos, ficam aqui consignados como campo de pesquisas posteriores. Entretanto, o início de uma mentalidade governamental

mais aberta a uma compreensão mais ampla de colaboração parece haver partido de um fato aparentemente secundário: o da criação de uma assistência religiosa às forças revolucionárias por dois arcebispos: D. João Becker, de Porto Alegre e D. Francisco de Aquino Correia, de Cuiabá.

Para trazer a este simpósio, uma contribuição neste campo, entrevistei D. Antônio Záttera, o terceiro Bispo de Pelotas, que foi o chefe dos capelães militares das forças revolucionárias, entre os quais se encontravam duas figuras também posteriormente elevadas ao episcopado: o atual Cardeal-Arcebispo de Porto Alegre, D. Vicente Scherer, e o falecido Bispo de Santa Maria D. Luís Vitor Sartori.

Esta comunicação, portanto, nada mais é do que a entrevista que anexo e a indicação de todo um campo de observação, de pesquisa.

Entrevista com D. Antônio Záttera, que foi, em 1930, o chefe dos Capelães Militares, das forças revolucionárias do Rio Grande do Sul.

— Em nome do Departamento de História da PUC agradeço a Vossa Excelência a disponibilidade de prestar informações sobre sua atividade como capelão militar durante a Revolução de 30. Muitos outros assuntos poderíamos tratar aqui sobre suas inúmeras obras. Mesmo neste momento estamos numa delas, que é o Instituto de Menores, mas o trabalho que estamos fazendo refere-se à Revolução de 30, portanto é sobre isto que venho, em nome de meus colegas, pedir que nos fale sobre este trabalho tão inusitado no momento, dado às relações de separação entre Igreja e República, de tal forma que o estabelecimento desse serviço de assistência religiosa parece completamente fora das normas até então seguidas no período da República. Quais seriam no caso as causas dessa mudança de orientação, se forem do conhecimento de Vossa Excelência.

— Prezado Professor João Planella. É com muito prazer que recebo a sua honrosa visita, aqui, no nosso Instituto de Menores, não apenas pela amizade que nos tem unido, mas também pelo assunto mencionado que foi a memorável Revolução de 30, que moveu todo nosso país. Digo também que aprecio imensamente sua vinda aqui, não só ao meu Instituto, mas também a Pelotas para colher dados, da minha parte, em relação a este movimento que empolgou todo o Brasil.

— Posso dizer que, na verdade, as relações que existiam, e são de conhecimento público, entre Igreja e Estado não eram tão acentuados como aconteceu na Revolução de 30 e após esta. Sabendo quais são as causas das restrições que havia, por parte dos poderes públicos, com relação a uma colaboração mais acentuada da Igreja, não há dúvida, entretanto, que o próprio país, pelo seu governo, reconhecia que um estreitamento mais acentuado dessas relações seria benéfico para o próprio país. Posso citar um episódio que se deu comigo: fui convocado, ou melhor, fiz meu serviço militar regular, porque após ter feito 3 anos de serviço de tiro de guerra em nosso seminário e não tendo sido feliz na obtenção da minha caderneta de reservista, fui, de fato, sorteado para o serviço militar em 1922 e, após, fui também convocado, em 1924, para participar contra o movimento que havia em São Paulo. Então aduzi razões especiais no pedido para ser dispensado da convocação. Na ocasião, o então comandante da região disse-me que alegasse motivos de crença religiosa, pelos quais seria dispensado, porque o religioso estava sendo privado do direito de cidadão. Disse

que não desejava alegar esse motivo para não perder meus direitos de cidadão, queria guardá-los porque achava que não podia me submeter a esta medida. Então o General disse-me que esta minha resposta garantia-me a dispensa desta convocação. Nota-se, por este fato, que existiam medidas de certa forma constrangedoras para os religiosos, até serem privados dos direitos de cidadão, por serem religiosos, por terem seus votos religiosos de obediência e por este motivo não teriam os mesmos direitos dos demais cidadãos. Vê-se, realmente, que havia restrições por parte do nosso governo. Isto, de fato em parte, ou em grande parte, desapareceu e essas relações tornaram-se cada vez mais estreitas e amistosas depois da Revolução de 30. Quando o senhor Arcebispo, o saudoso D. João Becker resolveu convocar sacerdotes para que acompanhassem as forças revolucionárias de 30, foi uma surpresa, porque se pensou que seria uma medida talvez pouco bem aceita por parte do governo do Estado e com repercussão nacional incerta. Entretanto foi acolhida até com entusiasmo. Assim convidou vários sacerdotes que se dispusessem a acompanhar as forças revolucionárias que partiam do Rio Grande, como também de outros Estados do Norte e Nordeste. Seus promotores achavam que seria uma medida muito salutar para proporcionar as modificações que pareciam necessárias com reflexos no progresso do país. Daí então também terem sido secundados os promotores da revolução por parte também de autoridades religiosas e eclesiásticas.

— Estabelecido isso quais foram os sacerdotes que aceitaram essa incumbência, como foi feita a organização e quais as atribuições desses capelães militares?

— O Sr. Arcebispo D. João Becker, então ao par da boa aceitação desta medida, inscreveu uns sacerdotes para que acompanhassem as forças revolucionárias. Foram convidados vários, como eu próprio. Foi convidado o atual Cardeal D. Vicente Scherer que era secretário particular do Sr. Arcebispo D. João Becker, e este, de boa vontade, dispensava D. Vicente de suas atribuições, para acompanhar as forças revolucionárias. Além dele foi convidado o saudoso Cônego Benjamim Menezes Carvalho de Aragão, o Capuchinho Frei Crisóstomo, Padre Jerônimo Nortoloto, o saudoso Padre Mário Silva, o saudoso D. Luís Vitor Sartori, então sacerdote de Porto Alegre e conosco vários outros padres, e acompanhamos as forças revolucionárias, que partiram de Porto Alegre. Como eu havia feito meu serviço militar na tropa, D. João Becker designou-me como chefe dos capelães militares, dando-me a responsabilidade de acompanhar com os demais as forças revolucionárias, submetendo-nos também às vicissitudes que uma campanha dessas exigia. De Porto Alegre a Ponta Grossa, de trem, levamos 14 dias e o trajeto foi sempre bastante moroso e difícil. Como não cabíamos nos trens em que estávamos abrigados, era bem difícil encontrar algum conforto para aliviar nossa viagem. Quando, perto de Itararé, onde já se davam escaramuças com certo número de vítimas, estávamos lá, já aguardando o combate final decisivo da revolução. Estávamos muito temerosos do que podia acontecer nessa circunstância, mas, felizmente, na véspera de se dar esse ataque, que era suposto então definitivo, veio a notícia da renúncia do Presidente da República, e, com isto, foi posto término à revolução, naturalmente, então vitoriosa. Diante dessa situação fui, como era meu dever, falar com o Presidente Dr. Getúlio Vargas e dizer que, cumprida nossa missão regressaríamos às nossas paróquias, dando por cumprido nosso trabalho, mas o Sr. Presidente respondeu que nossa missão terminaria com a sua posse e que então

nos convidava para que fôssemos à posse que teria como Presidente, pela revolução vitoriosa.

— Não foi possível avisar a todos os demais companheiros, mas apenas alguns deles. Fomos até o Rio aguardando a posse do Sr. Presidente. Presenciamos a recepção que o Presidente teve em São Paulo, realmente grandiosa, um triunfo a forma como foi recebido. Note-se que quando foram vistos capelães militares com as forças, houve geral satisfação porque havia notícias, naturalmente veiculadas pela imprensa que tinha interesse nesse particular, de que a revolução era um movimento comunista, por isto achavam estranho que uma revolução comunista fosse acompanhada por sacerdotes. Com isto tiveram desmentido de que não se tratava de comunismo, mas de uma reivindicação nacional, na esperança de melhores resultados por parte do governo. Enquanto aguardávamos, de São Paulo fomos à Aparecida agradecer a Nossa Senhora o resultado final da revolução e fomos a Rio para aguardar então a posse do Dr. Getúlio. Ele nos convidou para que fôssemos ao Catete assistir à posse no Presidência do Brasil. Tenho dessa posse esta fotografia. Nesta foto estão alguns capelães que pudemos reunir, atendendo ao convite que nos fora feito pelo Sr. Presidente. Vemos nela D. Luiz Sartori, Padre Mário Silva, Padre Gerônimo Bortoloto, Frei Gentil e o Capelão de D. Aquino Correia, são os que puderam estar presentes na posse do Presidente.

— Quanto aos resultados da revolução não nos cabe analisar, mas de um certo modo, teve efeitos benéficos, pois medidas que pareciam necessárias para o bom andamento do país foram tomadas e postas em prática. Acho que é o que posso dizer da revolução. Não gostaria de mencionar outros aspectos da revolução, pois não caberia a mim dizer do valor da revolução, do mérito que ela poderia ter. Em nosso parecer teve méritos, ainda que não tenhamos alcançado plenamente o ideal que tinham os que promoveram a Revolução de 30.

— Crê Vossa Excelência que este serviço de capelania contribuiu para que se tornassem melhores as relações com o governo após 30, do que haviam sido durante a Primeira República?

— Não há dúvida. Tanto assim que não existiam capelães militares, mas depois deste acontecimento foram introduzidos capelães militares nas Forças Armadas e nos vários setores das Forças Armadas ainda hoje existem e naturalmente desenvolvem um trabalho muito benéfico. Enquanto estávamos aguardando a posse do Dr. Getúlio fomos convidados para visitar os quartéis e celebrar Santas Missas nos quartéis às forças que já estavam reunidas depois da revolução, que tomaram parte desta, para visitar os quartéis e celebrar a revolução, que tomaram parte desta, para que déssemos uma orientação. De fato, havia primórdios de propaganda comunista já naquele tempo. Então o saudoso Cardeal D. Sebastião Leme nos convidou para que fôssemos aos quartéis celebrar missas para assim tentar prevenir esse perigo e não há dúvida que o governo reconheceu muito esta atuação não só dos capelães, mas em geral da Igreja, facilitando uma colaboração mútua para o bom progresso do país.

— Excelência, no desempenho das funções dos capelães militares, como foi o relacionamento com os oficiais e como foi a aceitação pelos soldados?

Foi a melhor que se possa imaginar. Já éramos muito procurados, aumentando ainda nos dias em que lá ficamos aguardando a posse do Dr. Getúlio, éramos muito procurados para que fôssemos aos quartéis celebrar a Santa

Missa e dar assistência aos soldados. Não há dúvida, acho que isto influuiu para que as autoridades do governo vissem a vantagem que haveria nessas relações de governo com a Igreja.

— Essa aceitação das capelarias militares, tanto pelas oficidade, como pelos soldados teria influenciado a Igreja a procurar transformar este serviço em algo de contínuo?

É certo e por isso digo que daí por diante não só por parte da Igreja como por parte do governo foram estabelecidos capelães permanentes. Foi uma medida consequência destas relações provenientes da atuação dos capelães militares nesse movimento de 30.

— E teria influenciado também em relação à Constituinte de 1934, na diminuição de restrições à atuação da Igreja?

Suponho que sim. Certo que podiam ter visto e constatado que este movimento de assistência religiosa, acentuada no tempo da revolução, longe de ser prejudicial, podia ser pelo contrário vantajoso e naturalmente que o governo procura auscultar, por parte do povo, aquilo que lhe interessa mais, para que o povo também dê o apoio de que ele precisa para governar.

— Falou Vossa Excelência na recepção que Getúlio Vargas teve em São Paulo. Poderia dizer alguma coisa sobre a tropa, qual era o estado de ânimo durante o período de avanço de Ponta Grossa a Itararé, se era de entusiasmo ou de temor, de insegurança?

Pelo contrário havia maior entusiasmo, basta dizer que quando nós íamos no nosso trem muitas vezes haviam voluntários que queriam incorporar e muitos foram incorporados às nossas forças e outros ficaram muito lastimados e sentidos, porque não podiam tomar parte. Posso lhe dizer que quando veio a notícia da cessação da luta, um ou outro de nossos soldados disse «Que pena! nem demos um tiro sequer...» De fato demonstrou-se o entusiasmo que todos tinham em acompanhar as forças revolucionárias para conseguir o ideal, que era o ideal de fato da revolução e podemos dizer que foi alcançado.

— Teria Vossa Excelência lembrança da diferença do estado de espírito ao ser indicado para Capelão Militar e ao encerrar suas funções como capelão, se tinha havido uma mudança de um momento talvez de apreensão para a satisfação de um obra realizada ou se havia ainda outros sentimentos que merecessem registro?

— Realmente eu acho que toda atuação do capelão neste movimento revolucionário teve um resultado benéfico e todos meus companheiros, de fato, acharam que foi uma medida salutar. De parte da Igreja porque viu a aceitação que teve por parte do Governo, e por parte do Governo por sua vez em constatar a atuação da Igreja no ideal que correspondia às aspirações do país.

— No livro «Indicadores Políticas» Alceu Amoroso Lima, com a sua responsabilidade de Presidente da Ação Católica Brasileira e Presidente da Liga Eleitoral Católica, afirma que, no primeiro momento, a Revolução de 30 foi olhada com receio em geral pelos católicos do Rio de Janeiro. Aqui no Rio Grande do Sul havia também receio, ou o contato maior com alguns dos elementos chaves desse movimento estabelecia uma expectativa mais de esperança?

— Não há dúvida de que havia diferença de apreciação do movimento. Era outro no Rio Grande do Sul e outro nos Estados do Norte e Nordeste. Também não era o mesmo sentir por parte de outros Estados como do Rio de Janeiro. Naturalmente lá também estavam ansiosos por mudança de governo, mas havia também os adeptos do governo que achavam talvez mudança como

foi realizada com a Revolução de 30, não seria tão salutar como aspiravam a que fosse. No Rio Grande e outros, não só do Nordeste, mas em Minas Gerais, que também acompanhou e teve uma atuação muito acentuada na revolução e outros Estados importantes do país, havia essa esperança que foi, de fato, satisfeita, como mudança para melhor. Por isso a revolução trouxe, não há dúvida, em geral um desabafo, um alívio de uma perspectiva melhor do governo e não podemos negar que a Revolução de 30 trouxe benefícios reais. A fundação da Liga Eleitoral Católica posteriormente e outras atividades da Igreja foram também beneficiados com essa capelania e com essa aproximação.

— É certo que essa influência não só foi momentânea mas continuou seus reflexos e não há dúvida que esta relação mais acentuada do governo com a Igreja teve em grande parte a sua razão na revolução. Não há dúvida nenhuma, não é?

— Quereria Vossa Excelência acrescentar alguma cousa de lembrança pessoal desse período ou seus múltiplos afazeres já exigem que volte às funções de direção desse Instituto:

— Agradeço pela compreensão. Para mim de fato, foi uma satisfação muito grande de ser escolhido para capelão por D. João Becker, devido repito, pela razão de ter sido cabo do 8º batalhão de Caçadores como reservista. Mas, sobretudo, também, por que eu continuo vendo, embora nem todos concordem com meu pensar, que as relações entre o governo e a Igreja se acentuam, em grande parte, devido justamente a esse movimento e esta participação da Igreja. Este apoio da Igreja que foi dado à revolução, não só por parte do Rio Grande do Sul como também de outros Estados, tenho certeza de que foi, até certo ponto, providencial e não há dúvida que deixou rastros bons e benéficos para o país. Agradeço a gentileza de vir até Pelotas colher estes dados e espero que a exposição tenha sido proveitosa. Poderia ser melhor, não fossem as inúmeras preocupações, como verificou neste contato.

— Quero apresentar os meus agradecimentos. Já contava com a colaboração de Vossa Excelência e pode ter certeza de que muitos aspectos foram esclarecidos, pois, no estudo feito da revolução de 30, supriu a lacuna das referências quanto à atuação dos capelães militares e aspectos da história religiosa ligada à Revolução de 30. Agradeço em meu nome ao Departamento de História da PUC.

*Livre Docente em História do Brasil Prof. do Departamento e do Pós-Graduação em História PUCRS.